“AG JAMRÉ TỸ TỸ FE TI”

SANDRO TOPÊ DA SILVA¹

O pai, ele sempre foi preocupado não só pelo futuro dos filhos, mas também pelo futuro do povo, e sempre dizia que a juventude é o que vai dar sequência para a cultura. Então, ele achava que a juventude deve buscar conhecimento, formação, sem deixar da cultura. Mesmo a gente frequentando a universidade, ele nunca deixou de aconselhar sobre a valorização da nossa cultura. Ele sempre aconselhava do respeito entre as diferenças de cultura, o respeito aos mais velhos e a simplicidade acima de tudo. Ele tinha como um ponto de referência o *kamé* e o *kajru*, as metades tribais do Kaingang. Ele sempre diz que o planejamento familiar, a educação, a saúde, a religiosidade, a organização social – tudo isso depende do *kamé* e do *kajru*. Ele sempre aconselhava nós através de *gufẽ*, do *ó*, que são historinhas kaingang, e o pai gostava de contar essas histórias e ele era um bom contador de histórias. A gente achava engraçado, assim, mas ao mesmo tempo essas historinhas ensinavam bastante pra nós. Ele também aconselhava bastante sobre a consideração do *jamré*, o cunhado. Ele considerava bastante o *jamré*. Então ele dizia: “*Ag jamré tỹ tỹ fe ti*”, que seria “O teu *jamré* é como o coração da gente”. Ele gostava, assim, de fazer comparações sobre isso. Outra que ele fazia é “*Ag jamré tỹ tỹ a vã tógni*” que seria “O *jamré* é como se fosse uma bengala”, que a gente andava apoiado na bengala, dependia um do outro. O *jamré*, ele dizia que o *jamré* é tudo. Então, tudo que ele ensinava, ele não apenas falava, ele praticava tudo isso, ele acreditou. Ele tem esperança de um outro

¹ Professor na Escola Estadual Indígena Nãn Ga. Filho de Augusto Ópê da Silva. E-mail: sandrokaingang@hotmail.com.

mundo, um outro mundo melhor, um mundo que tenha respeito, que tenha justiça, que tenha paz. E ele sempre acreditou que outro mundo é possível.